



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS  
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

**JOSINELBA BARBOSA BRANDÃO**

**MANIFESTAÇÕES DO FEMININO NA PERSONAGEM  
*ROSINHA DE O FEIJÃO E O SONHO*, DE ORÍGENES LESSA**

Araguaína/TO  
2021

**JOSINELBA BARBOSA BRANDÃO**

**MANIFESTAÇÕES DO FEMININO NA PERSONAGEM  
*ROSINHA DE O FEIJÃO E O SONHO*, DE ORÍGENES LESSA**

Monografia apresentada à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Letras, para obtenção do título de Licenciatura e aprovada e apresentada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Albeirice da Rocha

Araguaína/TO  
2021

<https://sistemas.uft.edu.br/ficha/>

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

B238m Barbosa Brandão, Josinelba.  
MANIFESTAÇÕES DO FEMININO NA PERSONAGEM ROSINHA DE "O FEIJÃO E O SONHO", DE ORÍGENES LESSA. / Josinelba Barbosa Brandão. – Araguaína, TO, 2021.  
41 f.  
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2021.  
Orientador: Pedro Albeirice da Rocha  
1. Literatura. 2. Modernismo. 3. Realismo. 4. Feminino. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

<https://sistemas.uft.edu.br/ficha/>

# FOLHA DE APROVAÇÃO

JOSINELBA BARBOSA BRANDÃO

**MANIFESTAÇÕES DO FEMININO NA PERSONAGEM *ROSINHA*  
DE *O FEIJÃO E O SONHO*, DE ORÍGENES LESSA:**

Monografia apresentada à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Letras, para obtenção do título de Licenciatura e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 27/07/2021

Banca Examinadora



---

Prof. Dr. Pedro Albeirice da Rocha, UFNT



---

Prof. Dra. Janete Silva dos Santos, UFNT



---

Prof. Me. Juliane Pereira Sales, Escola Paroquial São Pedro

Araguaína, 2021

*Dedico este trabalho aos meus pais, Eny Barbosa Brandão e João da Cruz de Sousa Brandão, ao meu esposo, Cleisson Brandão de Sousa, e aos meus filhos, Clara Manuela e Cleisson Emanuel.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus por me manter firme e por ter colocado pessoas que muito me ajudaram nessa caminhada.

Agradeço ao Prof. Dr. Pedro Albeirice da Rocha por acreditar em mim e me orientar nessa caminhada.

Agradeço a todos os professores, de modo particular à Prof. Dra. Janete Silva dos Santos, que desempenha com afincio e bravura a bela profissão de ensinar.

Agradeço aos meus colegas de faculdade que estiveram comigo nesse processo tão árduo, mas que foi e está sendo muito valoroso; e nesse ensejo, minha gratidão particular aos amigos e fiéis companheiros de profissão Eva Pereira Barbosa Sousa e Lukas Nascimento Santana que não soltaram a minha mão em nenhum momento.

Por fim, a você que ler estes agradecimentos, eu digo que acredite, acredite que você pode mudar sua realidade, realizar os seus sonhos, nada é impossível para aquele que tem fé, porque como bem disse o sábio poeta Fernando Pessoa “tudo vale a pena se a alma não é pequena”.

## RESUMO

Este trabalho aborda as manifestações do Feminino na personagem Rosinha, da obra *O Feijão e o Sonho* do autor brasileiro Orígenes Lessa. Neste trabalho, apresentamos como fundamentação teórica, informações a respeito do Realismo, Romantismo e do Modernismo na sociedade brasileira. Nesse contexto, a ideia é contribuir com os estudos a respeito de Literatura e do feminino, privilegiando uma obra brasileira muito conhecida, mas não tão abordada. Além disso, a personagem Rosinha é uma mulher determinada, que luta para conseguir sobreviver, dividida entre o feijão e o sonho, entre sua perspectiva e a do marido. Ela representa o lado prático da vida, isto é, o feijão. Foi possível, ainda, observar características do movimento literário realista na personagem Rosinha, a qual se manifesta encarando os obstáculos com determinação e vontade de vencer, contrapondo-se ao sonho, que é a maneira de seu esposo encarar a vida.

**Palavras-chave:** Literatura. Modernismo. Realismo. Romantismo. Feminino.

## **ABSTRACT**

This work deals with the manifestations of the feminine in the character Rosinha, from the work *The bean and the dream* of the Brazilian author Orígenes Lessa. In this work, I present, as a theoretical foundation, information about realism, romanticism and modernism in Brazilian society. The idea is to contribute to studies on Literature and Feminine, favoring a Brazilian work that is well known, but not as well-remembered. The character Rosinha is a determined woman who struggles to survive, torn between bean and dream, between her perspective and her husband's. She represents the practical side of life, that is, the beans. It was possible to observe characteristics of realism in the character Rosinha, who manifests herself facing obstacles with determination and will to win, in opposition to the dream, which is her husband's way of facing life.

**Keywords:** Literature. Modernism. Realism. Romanticism. Feminine.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>O FEIJÃO E O SONHO: TENSÃO ENTRE O ROMANTISMO E O REALISMO .....</b>	<b>10</b>
<b>2.1</b>	<b>Um certo Orígenes Lessa .....</b>	<b>11</b>
<b>2.2</b>	<b><i>O FEIJÃO E O SONHO</i>: um romance que caiu no gosto popular.....</b>	<b>12</b>
<b>2.3</b>	<b>O Modernismo discute o Real e o Romântico .....</b>	<b>14</b>
2.3.1	Romantismo .....	15
2.3.2	Realismo .....	17
2.3.3	O Modernismo entre o Real e o Romântico .....	18
<b>3</b>	<b>A TRAJETÓRIA DA MULHER .....</b>	<b>21</b>
<b>3.1</b>	<b>O Pensamento de Nísia Floresta .....</b>	<b>22</b>
<b>3.2</b>	<b>Saffioti e o <i>Poder do Macho</i> .....</b>	<b>242</b>
<b>3.3</b>	<b>Rosiska Oliveira e <i>a cicatriz do andrógino</i> .....</b>	<b>26</b>
<b>3.4</b>	<b>Outras reflexões .....</b>	<b>28</b>
<b>4</b>	<b>ROSINHA: <i>O FEIJÃO E O SONHO</i> .....</b>	<b>32</b>
<b>4.1</b>	<b>Entre fada e bruxa .....</b>	<b>35</b>
<b>4.2</b>	<b>Rosinha e a realidade do “feijão” .....</b>	<b>35</b>
4.2.1	Reações não românticas de Rosinha .....	37
4.2.2	Entre o amor e a sobrevivência .....	39
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Literatura brasileira constitui-se como um interessante campo de pesquisa dentro de nossa cultura. Nesse sentido, busca-se, neste trabalho, apresentar as manifestações do feminino em uma obra brasileira, analisada de modo a se observar o papel atribuído à mulher. Para tanto, o problema da pesquisa trata-se de como o feminino se manifesta na narrativa do romance *O Feijão e o Sonho*, de Orígenes Lessa. Ademais, tal análise está voltada à protagonista Rosinha e ao como o romance enfoca a presença da mulher na sociedade brasileira. Em vista disso, a ideia é contribuir com os estudos a respeito de Literatura e feminino, privilegiando uma obra brasileira muito conhecida.

Para realizar este trabalho, foi escolhida a pesquisa bibliográfica, com base em partes dos estudos sobre a questão feminina na literatura. Houve um cuidado em buscar uma literatura relevante, que abordasse esse tema, tendo recaído a escolha sobre textos de Saffioti (1987), Floresta (2019), Oliveira (1993) e Studart (1974).

O desenvolvimento deste texto gira em torno da questão da mulher. Além disso, o trabalho é composto por três capítulos, nos quais se discute romantismo, realismo e modernismo, que nos ajudam a fazer uma análise real do livro em estudo. Na obra *O Feijão e o Sonho* (2012), de Orígenes Lessa, discute o conflito entre o real e o romântico. Maria Rosa (Rosinha) apresenta o lado prático da vida, o feijão e Campos Lara (Juca) o sonho.

O objetivo da pesquisa é a forma como é apresentada a protagonista no referido romance, dentro da perspectiva feminina da prosa moderna. Como a mulher é vista e o papel que exerce perante a sociedade.

Maria Rosa é apresentada entre o real e o romântico. Ela se mostra moderna para a época, em um período em que a mulher não tinha vez, nem voz. Ela não tem medo de correr atrás de seus objetivos. É forte, corajosa e não teme o trabalho.

As manifestações femininas na Literatura têm ganhado um bom resultado nas pesquisas sobre seu respectivo papel. A mulher tem apresentado mais capacitação para o mercado de trabalho e mais espaço na sociedade, garantindo, assim, sua sobrevivência e a dos seus. Há aumento também no número de estudos no que se refere à escrita feminina e também sobre a imagem com que autores de ambos os gêneros apresentam a mulher.

Neste trabalho, é realizada uma análise acerca da protagonista Rosinha na obra *O Feijão e o Sonho* do autor brasileiro Orígenes Lessa e como o romance enfoca a presença da

mulher na sociedade brasileira, a ideia é contribuir com os estudos a respeito de Literatura e feminino, privilegiando uma obra brasileira muito conhecida .

A questão enfocada é, portanto, literatura e feminino, visando a perceber o confronto realista na sociedade em que vivemos e de como ele é projetado no meio social contemporâneo. Por isso, procurou-se encontrar referências para fundamentação do trabalho, e busca-se a análise sobre como é vista a mulher no texto literário e como nossa cultura enxerga seu papel.

## **2 O FEIJÃO E O SONHO: TENSÃO ENTRE O ROMANTISMO E O REALISMO**

*O Feijão e o Sonho* mostra o relacionamento de conflitos entre Campos Lara e sua esposa, Maria Rosa, dois seres incompatíveis, mas incrivelmente unidos. Ele, professor e escritor, com seis livros publicados e intelectual, porém um alienado incapaz de ser um pai e marido comprometido em assumir as mínimas obrigações do dia a dia (moradia, alimentação, vestuário). Maria Rosa, ao contrário, representa o senso prático da vida, o esteio para a família não desmoronar.

Um inadaptado (...) Homem como ele não nascera para o casamento, para a vida do lar. (...) Maria Rosa tinha razão, quase sempre. Ela era o Bom Senso. (...) Maria Rosa não era uma inimiga. Maria Rosa era o outro lado da vida. O lado em que não daria coisa nenhuma, em que ele sempre fracassaria. O duro. O difícil. O sem cadência nem rima. O do seu permanente naufrágio. (LESSA, 2012, p. 50).

*O Feijão e o Sonho* é considerado de grande importância para a literatura brasileira, um livro emblemático e clássico, publicado inicialmente em 1938 , sobre duas fortes tendências: o romance social, político e o romance psicológico, intimista e católico .

Esse livro conta a história de vida do casal Campos Lara (Juca) e Maria Rosa (Rosinha), entre o sonho e a dura realidade. Ele é um poeta que vive a embalar o sonho da criação literária, distante aos aspectos práticos da luta pela sobrevivência, casado com Rosinha, uma verdadeira dona de casa, a relação é um desajuste. Juca sonhando, escrevendo, poetizando, ao passo que Rosinha batalha, preocupando-se e, principalmente, aborrece a vida do marido.

Esta obra, de Origenes Lessa, traz à tona as dificuldades práticas diárias, na vida das pessoas de nossa sociedade, o que vale mais nossos sonhos ou no caso do livro, a manutenção

e o sustento da família. Juca escolhe viver sonhando e poetizando à medida que Rosinha mostra o outro lado, a realidade, pois, para ela, mais vale o sustento da família, a sobrevivência, à arte. Esse drama entre o real e o romântico nos leva a perceber quantas dificuldades e lutas temos de enfrentar para conseguir realizar nossos objetivos.

## 2.1 Um certo Orígenes Lessa

Orígenes Lessa nasceu em Lençóis Paulista, São Paulo, em 1903. É o autor de importantes obras da literatura brasileira do século XX, como *O Feijão e o Sonho*, que lhe rendeu o Prêmio Antônio de Alcântara Machado, da Academia Paulista de Letras. Destacam-se, ainda, *O Jogoete*, *Nove Mulheres*, *A Noite sem Homem*, *Beco da Fome* e *O Evangelho de Lázaro*.

Filho de Vicente Lessa, historiador, jornalista e pastor protestante, e de Henriqueta Pinheiro Lessa, foi com a família para São Luís do Maranhão em 1906, onde morou até os 9 anos. Da experiência de sua infância resultou o romance "Rua do Sol". Em 1912, voltou para São Paulo. Dos 19 aos 21 anos, ficou num seminário protestante.

Em 1928, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde ingressou como tradutor e jornalista. Seu primeiro romance é este *O Feijão e o Sonho*, publicado originalmente em 1938 com forte repercussão.

Recebeu inúmeros prêmios literários: o Antônio de Alcântara Machado (1939), pelo romance "O Feijão e o Sonho"; o Carmem Dolores Barbosa (1955), pelo romance "Rua do Sol"; o Fernando Chinaglia (1968), pelo romance "A Noite sem Homem"; o Luísa Cláudio de Sousa (1972), pelo romance "O Evangelho de Lázaro".

Lessa também se dedicou aos textos *infanto juvenis* tendo publicado o clássico *Memórias de um Cabo de Vassoura*, em 1971. Por sua produção literária, o escritor, que também foi jornalista e publicitário, ingressou na Academia Brasileira de Letras, em 1981. Morreu em 1986, dois dias depois de ter completado 83 anos.

## 2.2 ***O FEIJÃO E O SONHO*: um romance que caiu no gosto popular.**

Obra marcante da literatura, narrativa que caiu no gosto popular, escrita de forma intimista e bem particular. Foi o texto em prosa de estreia de Orígenes Lessa aos 35 anos de idade, após a publicação de nove livros, sendo contos em sua maioria.

*O Feijão e o Sonho*, texto que ganhou o prêmio Antônio Alcântara Machado (1939), é um enredo que mostra a atmosfera de confronto ideológico do Brasil da época. É intimista sem deixar de ser social. Conta a história de um casal que consegue escapar das armadilhas ideológicas.

De um lado o feijão, que, na cultura alimentar brasileira, representa o sustento, alimentação, a vida; ao passo que o sonho representa as aspirações íntimas, ideal de criação. Essa tensão entre os dois lados mostra que a maioria dos brasileiros pobres, os quais vivem em favelas, muitas vezes são obrigados a desistir do sonho, para ir em busca de seu sustento e da família.

Em *O Feijão e o Sonho*, figura lutadora e sonhadora. Um é o delirante, e o outro a moderação. Um completa o outro, são criaturas de um só corpo, duas faces de uma mesma consciência em conflito, um existe por causa do outro.

Esse romance é realista sem deixar de ser moderno, mostra as atribuições de um casal, o qual luta para sobreviver em meio a uma sociedade que vive de aparências, na qual a miséria e a fome ainda são um grande problema para a família brasileira. O autor deu forma literária a uma história sobejamente conhecida e repetida desde sempre: o artista sonhador, pobre e incompreendido; a mulher que o impele à luta e o obriga a encarar o lado prático da vida.

O destaque da obra está na modéstia da linguagem, na trama descomplicada, na sugestão de que se podem encontrar acentuados significados em atitudes aparentemente superficiais dos personagens, no processo de iniciação do jovem leitor nos caminhos do consumo da literatura e na exploração inteligente do idealismo tão próprio da juventude ainda não batida pelo tempo e pela desilusão.

Um romance que mostra os dois lados dos personagens principais, Rosinha e Juca, faces opostas de uma mesma moeda. Juca a distração, a preocupação. “[...] Rosinha fala para o marido sair do mundo da lua e cair na realidade no feijão duro [...]” (LESSA, 2012, p. 29). Ela fala para ele parar de fantasia, e atender melhor às necessidades que a vida coloca como algo a se fazer, Ele poderia muito bem ter sonhos contanto que não esqueça das obrigações do ser humano de prover a família.

Para Rosinha, o sonho do marido é um empecilho para a vida prática. Ele sendo alienado olhando somente o mundo dele não conseguiu perceber que o que almeja é quase impossível se não estiver proporcionado de forma igual a realidade de uma vida saudável com deveres e objetivos.

Campos Lara se lembra com tristeza “da humilhação que descera, com a sua sensibilidade, seis livros publicados, ele chegara àquele extremo”. (LESSA, 2012, p. 29). Nesse momento, Juca começa a perceber que o esforço que estava fazendo não valia de nada se fosse voltado apenas para si.

O personagem é desligado da realidade do cotidiano, vivendo em torres de marfim, em meio à mesquinhez de vida, em que somente a intelectualidade o importa e faz sentido a sua existência. O homem capaz de se compadecer do sofrimento alheio, sem se importar com a própria miséria, sem ambição alguma por um trabalho que lhe renda mais dignidade, pois o que produz mal dá para sustentar sua família.

Em contrapartida Maria Rosa, a encarnação do senso prático, a razão de ser da vida, a união da família. Para ela sonho é ter a casa arrumada com móveis e principalmente com comida na mesa.

Maria Rosa vive estressada fala que “prefere filho burro, contando que preste para o trabalho, que saiba ganhar dinheiro, que não precise viver de esmola, devendo para Deus e o mundo”. (LESSA, 2012, p. 33). Ela fica implicando com seu esposo por está sempre estudando, se aprimorando intelectualmente e não ter uma vida condizente com o seu padrão. Ele não busca nada além da satisfação do próprio ego. O dinheiro para Juca não é importante, o que não consegue perceber é que por intermédio de recursos que conseguimos obter uma vida melhor.

Campos Lara fala para Rosinha que seu aluno Haroldo tem escrito coisas notáveis para a idade e pergunta se ela quer ver uma poesia dele. Ela responde que não, que poeta já tem em casa graças a Deus. E saindo da sala fala: “é mais um para passar fome”. (LESSA, 2012, p. 34).

O pensamento de Rosinha é que os estudos não trazem um bom ensinamento, já que o marido com tamanha instrução não conseguiu perceber o mundo ao redor.

*O Feijão e o Sonho* apresenta a triste condição de grande parte da população brasileira: um Brasil subdesenvolvido, onde a classe trabalhadora não consegue sustentar a

família com o que recebe mensalmente. População tida, na maioria das vezes, como preguiçosa, a qual luta com constância para sobreviver e manter o sustento dos seus.

### **2.3 O Modernismo discute o Real e o Romântico**

O Modernismo se caracteriza pela pegada livre de escrita nacionalistas de valorização cultural. O movimento se espalhou pelo Brasil durante a Semana de arte moderna, que ocorreu em São Paulo no ano de 1922.

Segundo Bosi (1976), a literatura estava voltada para a realidade brasileira como forma de manifestar as, então, recentes crises sociais e inquietações da implantação do Estado Novo do governo Vargas e da Primeira Guerra Mundial. O autor aponta que a consolidação de “novos ideais estéticos não veio de chofre. Às vésperas do conflito, alguns escritores brasileiros traziam da Europa notícias de uma literatura em crise.” (idem, 1976, p. 374).

Depois da Semana de Arte Moderna, de 1922, a ideia de modernismo, ou seja, de novas atitudes artísticas contra a arte encarada como artificial, contra tudo o que os escritores consideravam "velho", aparentava não ter sido absorvida e a literatura no Brasil não havia modificado em quase nada.

A Semana foi, ao mesmo tempo, o ponto de encontro das várias tendências modernas que desde a I Guerra se vinham firmando em São Paulo e no Rio, e a plataforma que permitiu a consolidação de grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos, numa palavra, o seu desdobrar-se em viva realidade cultural. (BOSI, 1976, p. 383).

Entretanto, alguns intelectuais de várias regiões começaram a manifestar-se: a verdadeira arte moderna devia retratar criticamente um Brasil mais abrangente, que mal se conhecia, cujas desigualdades sociais fossem retratadas com vigor num realismo próprio do século XX. A arte literária, segundo vários intelectuais, deveria sair dos "salões aristocráticos de São Paulo", isto é, abandonar o contato apenas com o urbano, influenciado pelas vanguardas europeias.

O Modernismo brasileiro surge na Semana de Arte Moderna em 1922 e envolve várias gerações de artistas e escritores com ideais e características diferentes. Eles valorizavam o rompimento com as formas tradicionais de expressão artística, a busca por uma expressão artística nacional e inovadora; na literatura, a valorização do cotidiano, expresso em linguagem simples.

Essa forma de expressão fez com que o Brasil se tornasse um país com as estas características: preocupação social, contemporâneo, poesia intimista e liberdade formal. A poesia social marcou a produção literária da época. Além disso, é possível encontrar uma poesia intimista, voltada para a espiritualidade ou então para a reflexão amorosa.

### 2.2.1 Romantismo

O Romantismo foi introduzido no Brasil, através da valorização da cultura da época. Esse é um momento voltado ao povo indígena, como forma de heroísmo cultural. Esse movimento ocorreu no século XIX, retratando os valores da burguesia, que se encontravam presos a um passado de verdadeiramente romântico. O Romantismo do heroísmo passou a ser do sentimento de solidão e extrema degradação do ser humano. Para Kirchof (2016, p. 80), o Romantismo foi introduzido oficialmente por Gonçalves de Magalhães e seus *Suspiros Poéticos e Saudades*, em 1836. (p. 80).

Para Cândido (2002, p. 9), “os brasileiros começaram a pensar em uma nova escrita, tanto na ciência quanto na música. Esta forma de contradição abalou a economia local e cultural do país”.

O primeiro grupo de românticos a fixar aqui no país foi o de Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias, percebe-se então uma fase com temas voltados para o índio. Outros temas também a ser descritos são o da natureza.

Os escritores do período tinham uma verdadeira influência na escrita que remete ao momento histórico. As obras eram marcadas por tom pessoal, como o amor não vivido que de preferência fosse uma coisa distante, impossível.

Esta geração de românticos de primeira fase trouxe uma mistura de gêneros à criação literária. Os escritores adotaram os heróis, o amor impossível e a vida trágica. Kirchof (2016) fala a respeito das gerações românticas e do estilo próprio de cada época, como primeira, segunda e terceira geração.

Para Cândido (2002, p. 43), “a aparição do romance em gênero, foi adaptado aos sentimentos modernos como sendo um verdadeiro acontecimento”.

Tornando-se sede da Monarquia, o Brasil não apenas teve a sua unidade garantida, mas começou a viver um processo de independência virtual, tornando efetiva em 1822 depois que o soberano voltou a Lisboa por exigência dos seus súditos Portugueses. (CÂNDIDO, 2002, p. 10).

O nacionalismo aparece demasiadamente nesse período, com incentivo à exaltação da natureza e da pátria, retorno ao passado histórico, resgate de grandes batalhas e criação de um herói nacional que no Brasil era o índio. Para Cândido (2002, p.65), o sentimentalismo, o heroísmo, atraiu os leitores que buscavam o sentido rigoroso. A obra que marcou essa fase de Romantismo de amor e bravura é *O Guarani* (1857), cuja ação decorre no século XVI. O sentimento romântico, o sentimentalismo exacerbado, dolorido, sofrido, derrota do ego, frustração, tédio.

O Romantismo no Brasil surge com diversos gêneros textuais como prosa, teatro e poesia. A produção dos gêneros acontece em paralelo uma com a outra, a poesia, o teatro e a prosa acontecem simultaneamente.

A primeira geração romântica na poesia é nacionalista ou indianista, representada por Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias; a segunda geração é a considerada ultrarromântica, cuja temática pregada era a morte, o sonho, o devaneio; nela, a mulher era vista como figura inatingível (mal do século), tendo como representantes Álvares de Azevedo, Cassimiro de Abreu e Junqueira Freire (influência Byron); por fim, a terceira geração é considerada social, liberal ou condoreira (defesa aos escravos), cujo principal representante é Castro Alves.

No que se refere à prosa, os tipos de romance que compuseram esse período literário foram: o indianista, o histórico, o regionalista e o urbano. E o autor de maior destaque é o de José de Alencar, cuja mala literária passeia pelos quatro tipos de prosa supracitados.

De acordo com Cândido (2002, p. 75), “José de Alencar morreu “antes de assumir uma postura abolicionista, ele se preocupava com os efeitos da escravidão e as iniquidades que ela gerava”.

A estética romântica no país também se particulariza pela utilização de uma linguagem mais brasileira e abordagem de temas obscuros, fuga da realidade, culto ao índio. Estes últimos contribuíram para o desenvolvimento de uma identidade cultural brasileira. O Romantismo no Brasil esteve presente até 1881, quando Machado de Assis publicou o romance realista "*Memórias Póstumas de Brás Cubas*".

É válido pontuar que as contribuições desse movimento para o Brasil foram de grande importância para uma literatura completamente brasileira. Isso fica evidente em

Kirchof (2016, p. 86) quando diz que “no Brasil o Romantismo foi um período extremamente importante para a consolidação de uma literatura genuinamente nacional, tanto no que diz respeito à poesia quanto à prosa e ao teatro”.

O Romantismo começou a ter um ritmo de impacto durante os anos de 1830 por meio de narrativas, feitas através de folhetins. Em que refletia as primeiras escritas do momento.

O que mais atrai o leitor daquele tempo em matéria de romance parece ter sido o de costumes, no qual ele encontrava a vida todo o dia, sem prejuízo dos lances romanescos que eram então indispensáveis. O brasileiro parecia gostar de ver descritos os lugares, os hábitos, o tipo de gente cuja realidade podia aferir, e que por isso lhe davam a sensação alentadora de que o seu país podia ser promovido à esfera atraente da arte literária. (CÂNDIDO, 2002, p. 41).

No final do Romantismo brasileiro, as transformações econômicas, políticas e sociais levam a uma literatura mais próxima da realidade; a poesia reflete as grandes agitações, como a luta abolicionista, a Guerra do Paraguai, o ideal de República. É a decadência do regime monárquico e o aparecimento da poesia social de Castro Alves. No fundo, uma transição para o Realismo.

### 2. 3. 2 Realismo

O Realismo no Brasil ocorre na segunda metade do século XIX e início do século XX, mostra oposição ao Romantismo, com abordagem objetiva da realidade acerca dos temas sociais, reação ao subjetivismo, ao passo que o Romantismo é subjetivo, o realismo é objetivo.

Manifestações literárias em prosa, tais como o romance social (crítica à sociedade do momento e as suas feridas); romance psicológico (ser humano da época ou de como ele especulou o Brasil) e de tese (posturas da sociedade sobre seu funcionamento). De acordo com Pacheco (1967, p. 13), “novas ideias se impregnaram, com a renovação de espírito que viria a se refletir na literatura”.

A Literatura nesse período se torna uma crítica à sociedade, uma vez que passa a criticar as instituições, como a igreja católica e a sociedade burguesa.

A Igreja e o Estado, que sempre os houvera em virtude de conflito de jurisdição, ambos sempre a discutirem a linha divisória de suas atribuições. Com o crescimento da sociedade brasileira e a diversificação de credos religiosos, a criar problemas de ordem civil, com a regularização do registro de nascimento, casamento e óbito da população não católica [...]. (PACHECO, 1967, p. 8).

A escravidão, o preconceito racial e a sexualidade são criticados e tratados com linguagem clara, direta e objetiva. Para Pacheco (1967, p. 9), “a campanha abolicionista acelera o seu processo. Mas se revelam as falhas da lei”.

O marco inicial do Realismo no Brasil acontece com a publicação de Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, em 1881. Segundo Bosi (1976, p. 197-198), o roteiro de Machado, após a experiência dos romances juvenis, desenvolveu essa linha de análise das máscaras que o homem revela a consciência tão firmemente que acaba por identificar-se com elas.

Novas mudanças ocorrem no Brasil, a começar pela transição de uma sociedade rural para o capitalismo. Essas mudanças renovaram a atmosfera do país que passa a ser cada vez mais urbanizado. Para Kirchof (2016, p. 110), “o Realismo passou a ser visto como um movimento revolucionário, verdadeiro arauto dos novos tempos que se anunciavam entre nós”.

Um dos grandes escritores do realismo no Brasil é Machado de Assis, o qual passou do Romantismo para o Realismo, retratando a realidade brasileira de uma maneira única. Segundo Kirchof (2016, p. 110), “Machado de Assis, captou e retratou, de modo brilhante e ao mesmo tempo pessoal, as contradições dessa nova sociedade que emergia”.

O Realismo surge em meio ao fracasso da Revolução Francesa e seus ideais de liberdade e de igualdade. Diante disso, a sociedade está dividida na classe operária e na burguesia, com foco e crítica na nesta.

As características de raciocínio da época são positivistas, que analisam a realidade por meio das observações e constatações racionais de conceito dessa época, o qual é racional, objetivo e com ausência de sentimentalismo.

### 2. 3. 3 O Modernismo entre o Real e o Romântico

O Modernismo brasileiro compreende o período de 1930 a 1945. Foi influenciada, portanto, por um contexto histórico marcado por conflitos sociais e políticos, como a Revolução de 1930 e a Revolução Constitucionalista de 1932 (durante a Era Vargas), além da Segunda Guerra Mundial.

Essa fase ficou caracterizada pela reflexão dos escritores acerca de fatos contemporâneos, por obras comprometidas com o Realismo das questões sociopolíticas e pelo conflito espiritual de alguns de seus autores. Para Bosi (1976, p. 341) “esses movimentos

têm uma história independente, mas no conjunto testemunham o estado geral de uma nação que se desenvolvia à custa de graves desequilíbrios”. Nesse contexto, a literatura brasileira estava vivendo uma fase de maturação, de concretização e afirmação de novos valores.

Ademais, a poesia e a prosa foram o foco dos autores dessa época. Outros temas preferidos eram nacionais, sociais e históricos. As principais características dessa fase modernista foram: Influência do Realismo e Romantismo; Nacionalismo, universalismo e regionalismo; Realidade sociocultural e econômica; Valorização da cultura brasileira; Temática cotidiana e linguagem coloquial.

A Semana de Arte Moderna trouxe novas atitudes e novos gêneros. A consciência crítica estava voltada para questões sociais, socialismo e compreensão do homem em sociedade. As questões sociais, a desigualdade social, a vida cruel dos retirantes, os resquícios de escravidão, o coronelismo, apoiado na posse das terras, todos problemas sociopolíticos são retratados.

[...] somos hoje contemporâneos de uma realidade econômica, social, política e cultural que se estruturou depois de 1930. A afirmação não quer absolutamente subestimar o papel relevante da semana e do período e do período fecundo que se lhe seguiu: há um estilo de pensar e de escrever anterior e outro posterior. [...] (BOSI, 1976, p. 429).

Os autores que retratam bem essa época com novos ideais de criação foram Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, entre outros escritores que criaram um estilo novo, completamente moderno, totalmente liberto da linguagem tradicional, nos quais puderam incorporar a real linguagem regional, as gírias locais.

[...] nos romances em que a tensão atingiu o nível da crítica, os fatos assumem significação menos “ingênuas” e servem para revelar as graves lesões que a vida em sociedade produz no tecido da pessoa humana: logram por isso alcançar uma densidade moral e uma verdade histórica profunda [...]. (BOSI, 1976, p. 441).

Fez-se uma literatura que traz reflexão de problemas sociais, voltados à conscientização, como o romance social regionalista que tem como lema criticar para denunciar uma questão social, contribuindo, assim, para a sua solução.

O Modernismo em prosa, na segunda geração ou geração de 30, surge com consolidação dos ideais modernistas e estende-se de 1930 a 1945, reafirma o que a Semana de 22 trouxe. Na poesia, Carlos Drummond de Andrade e na prosa de José Américo de Almeida.

O contexto histórico do Modernismo, após a Crise de 29, em que muitos países estavam mergulhados numa crise econômica, social e política. É nesse momento que surge a segunda geração, surgimento de um governo totalitário e ditatorial, aumento do desemprego, falência de fábricas, fome e miséria. No Brasil, a Revolução de 30 representa um golpe de Estado. Deposição do presidente da República Washington Luís, impedindo a posse do presidente eleito Júlio Prestes.

Para Bosi (1976, p. 430), “a ‘aristocracia’ do café, patrocinadora da Semana, tão atingida em 29, iria conviver muito bem com a nova burguesia industrial dos centros urbanos, deixando para trás como casos psicológicos os desfrutadores literários da crise”. O início da Era Vargas e o fim das Oligarquias de Minas Gerais e São Paulo (Política do Café com Leite).

Essa geração do Modernismo foi um período muito fértil e rico para a Literatura Brasileira. Foi uma fase de maturação, concretização e afirmação de novos valores modernos. Tanto na prosa como na poesia fazem esse movimento. Características principais desse período conturbado são: Influência do Realismo e Romantismo; Nacionalismo, Universalismo e Regionalismo; Realidade social, cultural e econômica; Influência da psicanálise de Freud; Temática cotidiana e linguagem coloquial; Uso de versos livres e brancos.

A modernidade trouxe o sentimento de um novo estilo de liberdade cultural. Teve início no ano de 1922, na Semana e introduziu um estilo. O espírito moderno e o sentimento de religiosidade são vistos de vários ângulos, tanto negativos, quanto positivos. Além disso, há uma preocupação com problemas sociais, que se aproximam da linguagem coloquial e regional. Mostra, ainda, a realidade de diversos locais do país, tanto o campo, bem como a cidade. Nesse viés, Bosi (1976, p. 432) reitera que, “[...] sente-se o desrecale psicológico ‘freudiano-surrealista’ ou ‘freudiano-expressionista’ que também chegou até nós com as águas do Modernismo”.

Os principais autores da prosa desse movimento são: José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego.

[...] o “realismo bruto” de José Lins do Rego, de Érico Veríssimo e, em parte, de Graciliano Ramos, beneficiou-se amplamente da “descida” à linguagem oral, aos brasileirismos e regionalismos léxicos e sintático, que a prosa modernista tinha preparado. (BOSI, 1976, p. 431-432).

Por fim, a Literatura do momento representa o contexto histórico, divisor de águas, aberto à sociedade e a seus problemas culturais, pensamento social e real do cotidiano dos brasileiros.

### **3 A TRAJETÓRIA DA MULHER**

As manifestações a respeito de gênero têm-se consolidado no ambiente acadêmico mundial, com maior força, nas últimas décadas. Nessa perspectiva, discutir o papel da Mulher na sociedade tem empolgado pesquisadores, uma vez que tal debate se mostra mais do que necessário, face ao apagamento da figura feminina como consequência do Romantismo e Modernismo, visando ao Realismo como foco e discussão.

A mulher passa a ser protagonista de sua história, responsável na maioria das vezes pelo lar, sustento de sua família. Esta é a esposa do século XXI: empoderada, dona de si mesma, de suas atitudes, vontades e desejos. Capaz de lutar para se manter independente, tanto financeira, como psicologicamente.

O caminho a ser trilhado ainda é árduo e de muita luta para a classe feminina continuar avançando, rumo aos propósitos de uma sociedade igualitária e com as mesmas oportunidades para homens e mulheres. Uma sociedade justa, sem racismo, sem escravidão, com oportunidades iguais para todos os gêneros e sexos.

A sociedade é muito importante, frente à luta pela igualdade entre homens e mulheres. Seu papel seria, por meio de uma educação, sem distinção, sem preconceitos. As garotas podem fazer as mesmas coisas que os homens, os mesmos trabalhos e, por isso, devem ter oportunidades iguais, pois todas são capazes de lutar por seu sustento, por seus sonhos.

Ainda falta muito para chegarmos a tais conquistas, a realidade é que, em grande parte da sociedade brasileira, a menina é criada para ser dona do lar, mãe e esposa. Muitas já conseguiram fugir dessa realidade imposta pela sociedade, ainda são poucas as que conseguem ter um emprego, a fim de que ganhem o suficiente para se manter junto à família.

Devemos nos unir para acabar com esses preconceitos, vividos e sofridos por todas as mulheres. A luta por uma sociedade com mais dignidade para todos, com mesmos direitos e deveres. Para a Constituição Federal todos somos iguais, sem distinção de sexo, raça ou religião. Essa igualdade só existe no papel, para fazer crer que todos temos as mesmas oportunidade, quando na verdade as mulheres ainda são tidas como incapaz e sofrem toda sorte de discriminação e falta de oportunidades.

É preciso que a questão de gênero no Brasil e no mundo se torne a pauta principal na luta por uma sociedade igualitária. As mulheres podem tudo o que quiserem, podem ser professoras, diretoras, secretárias, bancária, deputada, até presidente. Um exemplo é a primeira presidente mulher que o Brasil teve, Dilma Rousseff. E isso mostra que todos nós somos capazes de ser o que quisermos. Mulher é sinal de capacidade, de perfeição, de coragem. Somos todas capazes!

### 3.1 O pensamento de Nísia Floresta

A educadora, escritora e poetisa Nísia Floresta Brasileira Augusta que, vivendo no século XIX, defendia uma educação para as mulheres e desconcertou toda a sociedade ainda presa aos valores românticos de idealização da mulher com reflexões e ações a favor de sua valorização e da luta pelos seus direitos. Sua obra que nos servirá de apoio será *Opúsculo Humanitário* (1990), na qual Floresta critica o governo brasileiro por não fazer nada para melhorar a condição, em que a moça é tratada e exige mais instrução para elas mais educação. “Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?” Mas adiante ela fala que a educação das mulheres é uma das mais importantes evidências de um povo civilizado. (FLORESTA, 2019, p. 17).

Outra obra de grande importância feminina, escrita por Floresta é *Direitos das mulheres e injustiça dos Homens*, publicada em 1832. Nela a autora fala sobre os preconceitos referentes às mulheres, e o abuso de poder masculino, o qual tenta fazer com que elas sejam mais um utensílio do que um ser humano. Há um momento em que ela fala que, para os homens, as mulheres são como um alvo, uma serviçal, do que uma companheira, um ser igualitário. Este livro nos ajudará a embasar as discussões acerca do feminismo, mais precisamente sobre os papéis atribuídos às mulheres do século XIX. Amos ou não, eles não têm mais que dois partidos a seguir para exercer sua imaginária autoridade: ou de continuar a regular suas ordens segundo suas paixões, sem escutar a razão; e então só as mulheres desarrazoadas lhes obedecerão, porque as sensatas não lhes darão essa prerrogativa; ou de fazer falar a razão por sua boca, e então todas as mulheres de bom senso consentirão nisso, convindo mesmo que os homens se persuadam, que é por outra pura obediência que nós condescendemos com as suas vontades. (FLORESTA, 2010, p. 85).

A autora discute acerca do tratamento que os homens fazem as mulheres experimentarem.

A falta de saber e educação, que arrasta as mulheres às ações que os homens reprovam, as priva das virtudes que poderiam sustentá-las contra maus tratamentos que eles imprudentemente lhes fazem sofrer; falta dessas elas imaginam os meios os mais condenáveis para se vingarem de seus tiranos. Donde resulta que em geral os homens e mulheres têm, uns para os outros, um soberano desprezo e combatem à porfia quem trata pior o outro; quando pelo contrário, deveriam viver felizes, se ambos os sexos se resolvessem a tomar um pelo outro os sentimentos de estima, que se devem reciprocamente. (FLORESTA, 2010, p. 103).

O valor dos papéis atribuídos às mulheres é sempre lembrado e tido como questão de divindade. A religião, para Floresta, é tida no tratamento com a família, com o dever que cada uma deve cumprir perante a sociedade. O tratamento e o respeito pela instituição familiar e pelo tratamento igualitário e as mesmas oportunidades de ensino entre os sexos.

A autora faz crer que cada desvantagem feminina convém de homens que se acham melhores ou superiores, quando na verdade a verdadeira diferença está na educação como a forma de mudança social.

*Opúsculo Humanitário* é um livro que traz como síntese principal a questão da educação feminina como formação de uma sociedade mais justa e igualdade entre os sexos. Nísia faz uma espécie de denúncia e crítica à educação de seu tempo, destinado ao feminino. Em busca de mudanças no comportamento da sociedade da época, visando melhorias e mais oportunidades para o sexo feminino. Ela batalha por seu ideal e cria condições para sua pelega. A intelectual, fundou na cidade carioca do Rio de Janeiro, uma escola para meninas que seria chamada de Colégio Augusto. A proposta de educação desta instituição seria a educação literária feminina, com ênfase em línguas estrangeiras e prendas domésticas.

Outra obra a ser referida neste trabalho é *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, este livro, mostra a relação entre ambos os sexos. De maneira a ser um referência na luta feminina em busca da libertação. A liberdade por um mundo melhor, onde todos e todas tenham os mesmos direitos e deveres.

Nos dois livros de Floresta, é enfatizada a educação para as meninas, como ferramenta de melhor instrução e maior oportunidade não só para as mulheres como para toda a sociedade. Como a religião que, segundo ela, é de extrema importância. A vós, pais de família, a vós cumpre remediar os erros das gerações extintas! Educai vossas filhas nos sólidos princípios da moral, baseada no perfeito conhecimento de nossa santa religião, no exemplo de vossas virtudes, quer doméstica, quer cívica. (Idem, 2019. p. 118).

Floresta (2019) comenta sobre os tipos de tratamentos de preconceito na qual a mulher vive, e pede para o governo que este respeite os direitos de igualdade entre as pessoas, independentemente de sexo.

Uma educação feminina de qualidade ainda é muito importante para o nosso país. Assim teremos cidadãos mais conscientes de seu papel no meio social e menos pobreza, miséria. Por meio da educação, a sociedade se transforma em algo melhor para se viver.

### 3.2 Saffioti e *O poder do macho*

Para embasar as discussões em relação à personagem Rosinha, no romance realista, lançar-se-á mão da antropóloga Heleieth Saffioti, especialmente em seu trabalho *O poder do macho* (1997), no qual tece importantes considerações no que se refere à trajetória da mulher no Ocidente. Ela discute os papéis atribuídos às diferentes categorias de sexo. Para ela, “a

sociedade (...) tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe” (SAFFIOTI, 1997, p. 9). Natureza e cultura estão no foco da discussão.

A escritora fala dos papéis sociais atribuídos às diferentes categorias de sexo. O contexto social impõe as ocupações que cada um deve exercer e observa que homem e mulher não ocupam posições iguais na sociedade brasileira. A partir desse pressuposto, dar-se-á a análise da obra literária.

A tarefa atribuída às mulheres pela sociedade, conforme Saffioti, seria a socialização dos filhos, de manutenção e organização do lar. Somente nas classes dominantes a delegação da tarefa de socialização dos filhos, será atribuída a serviçais contratadas, para desenvolvimento desta função.

Saffioti (1987) fala na naturalização por parte da coletividade em atribuir função para cada um na comunidade. Segundo ela, “há algumas sociedades em que a mulher, de tribos tribos indígenas brasileiras, em seguida ao parto, banham-se nas águas de um rio e retomam imediatamente sua labuta” (SAFFIOTI, 1997, p. 9). E fala ainda que cada grupo elabora distintos significados para o mesmo fenômeno que seria natural.

A autora transcorre acerca da “inferioridade” da mulher, o macho e seu poder. Essa inferioridade que, de acordo com ela, não tem cabimento algum, já que existem mulheres com maior força física do que o homem e, da mesma forma também tem homens com menor força. Então isso não sustenta a hipótese de incapacidade a qual muitos julgam que as mulheres têm.

Saffioti (1997, p. 14) fala a respeito da ideologia de “inferioridade” feminina, que recorre ao argumento de que as mulheres são menos inteligentes que os homens. “Ora, a ciência já mostrou suficientemente que a inteligência constitui um potencial capaz de se desenvolver com maior ou menor intensidade, dependendo do grau de estimulação que recebe”. Sendo assim, mulher fica em desvantagem se comparada com os homens já que a maioria ainda se encontram nos lares, sem condições nenhuma de ampliar seus horizontes.

Devemos ter, de acordo com a autora, igualdade de oportunidades, tanto quanto a divisão do trabalho doméstico e da atividade garantidora de sustento. A mulher não pode se diminuir, deixando-se menosprezar seu trabalho e aceitar este apenas como uma ajuda, mas como uma oportunidade de igualdade entre o sexo masculino e o feminino.

Todos somos iguais, segundo a Constituição Federal. Desse modo, essa igualdade deve também ser seguida com mesmas oportunidades, direitos e deveres. Afinal somos todos seres de uma mesma sociedade..

Na relação do Macho e o poder, mostra que a sociedade está dividida entre dominadores e subordinados. Essa relação perigosa de poder que existe faz com que a sociedade brasileira não constitua apenas um único princípio de estrutura. Em maior contida de submissão da mulher em relação ao homem. A mulher sujeita-se a algum homem, seja pai, esposo ou ainda os patrões que lhes pagam pouco, ao exercerem as mesmas atividades que os homens. Isso se denomina como jugo desigual, por parte da sociedade. Temos que ser julgada é pelo trabalho prestado e não através de sexo. As mulheres fazem seu trabalho igualmente o homem. Devendo haver assim, mesmo salário, direitos e deveres.

As mulheres não querem ser superiores ao homem, querem apenas gozar das mesmas oportunidades que a sociedade oferece a ele. A luta por uma sociedade mais justa é uma tarefa de todos nós. Isso não é uma luta de sexo, mas de justiça e de igualdade entre o ser humano.

A quem serve a relação de dominação da mulher pelo homem. Essa colocação poderia ser uma pergunta, a ser feita por todos. A autora coloca que essa relação de dominação existe em todas as classes sociais, podendo ser observada também por algumas religiões. (SAFFIOTI, 1987, p. 21). Segundo ela, essa forma de domínio está associada à minoria, que detém poder da maioria da massa, que controla a mão de obra, para assim garantir seus lucros. Esses patrões lucram em cima de uma sociedade que se acha no direito de julgar, segundo o sexo e não de acordo com a capacidade do indivíduo. A pergunta anterior a ser respondida seria que essa relação de dominação, seria representada por uma minoria, ou seja, por quem tem maior condições e poder na sociedade.

O preço a ser pago por essas injustiças, seria a castração do homem e da mulher. A autora destaca que os prejuízos são grandes para a maioria da parcela da sociedade, que ultrapassa não apenas o terreno econômico, como também o social. Dessa forma, a pobreza, a miséria e a doença surgem cada vez mais. A autora percebe que a castração do homem não é apenas psicológica, mas também orgânica. Segundo a autora, não seria justo, ao falar das discriminações sofridas pelas mulheres, esquecer os homens. E ainda, que na sociedade, “as práticas do cotidiano mutilam a personalidade masculina e feminina”. (SAFFIOTI, 1997, p. 27). Essa é uma batalha que todos devemos encarar como suas, a briga por um país onde todas as classes são igualmente importantes, tendo assim o mesmo valor.

Uma estratégia de combate seria, de acordo com a autora, a da não discriminação racial e sexual o não preconceito racial de negros e mulheres, e abolindo essa forma de racismo que são as classes sociais como o patriarcado, racismo e capitalismo, teremos a igualdade de racial entre homem e mulher. Vale a pena lutar.

### 3.3 Rosiska Oliveira e *a cicatriz do andrógino*

Em *O elogio da diferença* (1993), mais precisamente no capítulo *A cicatriz do andrógino*, Rosiska Darcy de Oliveira ressaltava três fases da história da mulher, que seria o *patriarcado*, a *igualdade* e a *androginia*. Apresenta ainda um transtorno de identidade de gênero no qual o sujeito não se conhece como um só, mais como um todo, um conjunto dos dois sexos, masculino e feminino. Nele, apresenta que “a vinda da mulher à criação cultural ao universo da ficção, foi um crime político. Relaciona a escrita feminina, casamento e as discussões sobre igualdade de gênero”. (OLIVEIRA, 1990, p. 146).

Na obra, a autora lembra que, para Virginia Woolf ser uma mulher escritora, precisaria de um quarto para si e renda própria. (OLIVEIRA, 1990, p.146). Em uma época em que escrever era como uma transgressão que poderia ser punida, o quarto era a representação da autonomia da vida secreta, das aventuras. Lembra Oliveira: autonomia, renda própria seria como uma carta de alforria, não importa com o que trabalhe ou salário que a mulher ganhe, o importante é a liberdade que teria ao ter seu próprio dinheiro.

Neste capítulo, Oliveira (1990) lembra a fala de Virginia Woolf a respeito de uma irmã de Shakespeare à Judith, ou suposta irmã, que, na verdade, não existiu e de como seria se ela tivesse nascido com as mesmas inspirações do irmão. A época de Shakespeare é da poesia masculina. Mulher teria a obrigação aos casamentos e ao suicídio, reitera a autora, pois tinha de renunciar todo o mundo ao contrário seria tida como suspeita de prostituição. “Judith não tinha um quarto para si nem renda própria. Nem direito algum, afora o de se matar” (OLIVEIRA, 1990, p. 147).

A autora explica o quanto é difícil ser uma mulher, em um meio patriarcal, no qual a mulher, para ser aceita, tem que se render às artimanhas de uma sociedade totalmente preconceituosa, a qual quer determinar até o terreiro na qual a mulher deve pisar. Segundo Oliveira (1990, p. 149) “o movimento feminista pretendeu, para as mulheres, uma existência como a dos homens, tão livre quanto, sendo esta percebida como máximo de liberdade que elas poderiam ter, a liberdade e a igualdade é o que querem e não ser melhores e superiores”. A mulher luta por direitos iguais a todo tempo e os sujeitos com medo dessa igualdade deixam se levar por uma sociedade patriarcal, que tem o macho como o único que tem o poder e a mulher como submissa .

Oliveira (1990, p. 149) traz uma crítica sobre essa ambiguidade que está justamente em *Um teto todo seu*, em que Virgínia fica sem saber qual interpretação é a mais correta, a

literatura de seu sexo que para ela é fatal, ou a preocupação de imitar os homens e com isso não sair dela o que deveria. Esta forma de pensamento da autora, se dá pelo fato das mulheres olharem para se e mais para seus problemas, ao invés de irem em busca de novas descobertas, ficam presas ao passado a si mesmas com isso o sexo feminino passa a ser vitimado.

As mulheres têm sentimento de inferioridade, e isso as leva a ser mais inferiores do que são, a fazerem o que já existe ou o que foi estabelecido, passando, a ser dominadas por uma sociedade onde a capacidade é reduzida ao sexo. Essa estabilidade as impede de ir além de suas capacidades. Em concordância com Oliveira (1990, p. 150), “as feministas da primeira metade do século XX: buscando o universal encontravam o masculino.” Elas caíram em uma armadilha junto à crise do sexo feminino. Afinal, a igualdade segundo a autora, não é uma desvantagem, é um modelo a ser aprimorado, é uma vantagem. Devem ter convicções próprias para conseguirem sobreviver a este mundo masculino.

Outro exemplo que a autora faz é o de Margaret Yourcenar “cujo destino é marcado por uma incomparável originalidade, devido, em parte, a fatalidades que independem dela mas, sobretudo, às escolhas que ela fez [...]” (1990, p. 150). Isso mostra o que fazemos ou de qual forma somos evidencia o ser humano o qual de fato é de verdade. As batalhas transformam o homem em um ser melhor e mais evoluído, todas as perdas se tornam melhores condições de tornar a vida mais digna para si mesmo, sem pensar com o que os outros irão achar ou dizer de você, afinal devemos ser o que queremos e não o que os outros querem que sejamos.

A autora fala no direito ao mundo dos prazeres e aos desafios da sociedade, seja da guerra, ou da doçura dos olivais, que se confunde entre os homens como liberdade. O homem, assim como a mulher, deve ser livre para seguir sua vida, para escolher o que quiser sem ter que se importar com as consequências de ser verdadeiro.

Segundo a autora, a verdadeira igualdade é a aceitação das diferenças. Em aceitar que todos somos diferentes não só no corpo, como na forma de pensar e de ver as coisas ao redor. A relação com o mundo é o que nos transforma.

A relação entre homem e mulher passou a se estreitar na modernidade. Com o fato de o feminino estar cada vez mais próximo aos territórios considerados masculinos, sucedeu-se uma certa aproximação entre os sexos. As fronteiras definem o horizonte de cada um, em que ambos lutam por seus direitos e por isso são recompensados por sua luta e determinação.

Afinal, somos todos filhos de uma mesma sociedade, e para que esta mude, devemos mudar primeiro a fim de que ocorram as mudanças na vida das pessoas. Logo, entende-se que o papel da mulher na sociedade deve ser revisto, tido com mais independência e sabedoria por todas as mulheres.

### 3.4 Outras reflexões...

As reflexões sobre o feminino se mostram presentes no conto *Tchau*, de Lygia Bojunga, e no livro *Mulher objeto de cama e mesa*, de Heloneida Studart. Todas essas reflexões são de extrema importância e relacionam-se com o gênero, sociedade e patriarcado.

No conto *Tchau*, de Bojunga, a questão de gênero, cultura e sociedade é bem colocada. Sendo esta uma escritora que escreve para criança e sobre criança. *Tchau* foi o primeiro conto da autora e o sétimo livro, sendo o único de contos.

*Tchau* foi publicado em 1984, conta várias histórias, em que a principal recebe o referido título, e por isso dá nome à obra. O conto possui quatro histórias, em que a autora caminha em meio à liberdade entre o realismo e o imaginário. Isso nos leva a crer que nossa sociedade tenta moldar uma realidade que, de fato, é mais pela aparência do que para o bem de todos, o bem da humanidade.

Nesse conto, o qual apresenta a menina Rebeca diante da separação dos pais a decisão dela em largar a família, por ter se apaixonado por outro homem. É uma história moderna, cercada de conflitos e descobertas. Por ser uma narrativa na qual a mulher é quem abandona o lar, torna-se mais interessante.

O conto *Tchau* nos leva a observar que vivemos em uma sociedade totalmente patriarcal e esses valores perduram ainda hoje, em pleno século XXI. Apesar de ter ocorrido várias mudanças em relação às conquistas femininas, parece não mudar o fato da sociedade achar estranho que uma mulher deixe a família e não achar que o homem faça a mesma coisa.

Devemos lutar por direitos iguais entre homens e mulheres. A mulher ainda é mais cobrada, em relação ao comportamento em sociedade, onde o foco deveria ser a conformidade entre todas as pessoas. Isso demonstra que ainda existe muito a ser feito, para que haja uma uniformidade entre os gêneros.

No início do conto, é narrado o conflito que simboliza a entrada de outro homem na vida da mãe de Rebeca. Depois, mãe e filha conversam sobre várias formas de amor; em seguida, na sala, a mãe discute o futuro dos filhos, logo após a filha prometer ao pai que não iria deixar a mãe, dizer tchau. Esse é ponto chave do conto, a filha fala que não vai não deixar a mãe ir embora ou dizer tchau.

Com a inocência de uma criança, Rebeca esconde as coisas da mãe para que ela não fosse embora. No final, a mãe vai embora sem nada, e a menina fica achando que a mãe retornará, porque não levou nada. Mostra como a separação é muito difícil à mulher e à criança. A mulher é pelo fato de a sociedade tentar impor um modelo de mulher, mãe, dona de casa; e para a criança pelo fato de não ter mais os pais ali, juntos. Tudo isso deve ser observado, porque as perdas para elas são maiores do que para os homens.

Outra obra a se destacar neste trabalho é *Mulher objeto de cama e mesa*, da escritora, ensaísta, jornalista e defensora dos direitos da classe feminina Heloneida Studart. Este livro é composto de textos pequenos, realistas e de frases que chocam o leitor pelo fato da autora tocar na ferida das mulheres, ou, como está colocado neste livro pelo prof. Lauro, “choco psicológico”, choque de realidade, que a mulher vive em estado vegetativo, vivendo apenas para marido, filhos e cuidados com a casa.

Essa autora discute que, em conversa com várias mulheres, ficou espantada e oprimida pelos discursos que abordavam apenas temas como vestidos, tortas e penteados. O mundo está passando por várias mudanças, e estas mulheres, no mundo da lua. “Sua inteligência, aos pés das chinesas, atrofiados” (STUDART, 1974, p. 8).

Studart fala que as mulheres não tinham culpa por não evoluir, por ser como em séculos passados, alienadas apenas no seu próprio mundo. E conclui refletindo “Quem pode censurá-las, se elas parecem retardadas mentais?”(STUDART,1974, p. 9).

Para a autora, era como se as mulheres não tivessem evoluindo, presas em suas próprias redes. Elas não mudavam a forma de pensar e de ver as coisas ao seu redor.

O grande handicap da mulher foi um fato histórico. Aconteceu quando o homem saiu à caça e ela se deixou ficar na caverna, cozinhando e procriando, em plena vegetatividade. O homem lutou, cresceu, criou a charrua e depois a astronave. A ação assegurou o seu desenvolvimento mental. Enquanto isso, a mulher, sempre na caverna (que passou a se chamar de lar), esperava, imutavelmente, a volta do caçador. (STUDART, 1974, p. 10).

As mulheres se deixaram levar por um confuso pensamento de puro conformismo de ficar no lar, do que seria, se fossem à luta para buscar seu próprio sustento. Vale pontuar que a falta de informação talvez seja a culpada por tudo, para viver esperando por outro o que ela mesma poderia fazer. Se soubessem que seria dessa forma, a mulher não teria ficado na caverna, teria ido à luta, a conquista ao desenvolvimento e longe de uma sociedade patriarcal.

A autora fala que a mulher sofreu uma derrota por ter ficado na caverna<sup>1</sup>, enquanto o homem estabelecia novas relações com o mundo. Foi ele quem venceu nessa luta, cabe então à mulher o consumismo por electrodomésticos ou, à maioria, cabe o trabalho mal remunerado, o cansaço, a pobreza e o envelhecimento precoce .

A autora reitera que muitas mulheres escrevem no lugar da ocupação: Doméstica ou nas carteiras de trabalho prendas de domésticas. Elas estão se voltando contra si mesmas, desperdiçando seu cérebro que em vez de evoluir, estão estagnadas.

Para Studart (1974), as meninas são preparadas para esta profissão árdua. Enquanto o menino é solto, a menina é presa. O garoto saindo para a rua enfrentando desafios, desenvolve a inteligência. As meninas em casa brincavam de comidinha e assimilam os probleminhas como, novela, empregada, a comida que queimou. Isso faz com que elas não desenvolvam seu cérebro da mesma forma que eles, por falta de desafios.

Esta é a realidade de nossa cultura, em que a mulher ainda é tida como única e exclusiva do lar, filhos e marido. Uma sociedade que em pleno século XXI, a mulher ainda é excluída de muita coisa e do mundo.

Para mudar, devemos implantar na cabeça de nossos jovens e na educação das crianças, que todos temos os mesmos direitos e deveres sem distinção de sexo, religião, cor ou nacionalidade. Todos podem e devem trabalhar para construir um mundo melhor, um mundo onde homem e mulher tenham as mesmas oportunidades, os mesmos salários, as mesmas obrigações, afinal todos somos seres humanos, com sonhos, vontades e força.

A autora comenta que, na maternidade, essa tarefa tão natural entre os seres vivos, no caso do ser humano, a mulher sente esse fato tão natural como algo anormal. Se sente até culpada por certos acontecimentos normais como: se a criança não mama, se demora a andar ou falar. Tudo isso faz com que a mulher fique com uma espécie de neurose, os filhos crescem, se tornam independentes e a mãe no mesmo lugar esperando que eles as reconheçam como única e exclusiva majestade e motivo de orgulho.

---

<sup>1</sup> Morada dos seres humanos na pré-história, neste caso, a mulher não estava evoluindo em conhecimento estava estagnada na mesmice.

Muitas mulheres com apenas estas funções de filho, casa e marido, Na maioria das vezes, ficam tanto tempo em casa, que isso as impedem de ter outras possibilidades e visões de mundo que só conseguiriam, buscando outros horizontes e novos desafios.

A Propaganda de Hitler, na página 23 deste livro de Studart, mostra que ele teve o apoio total e unânime das mulheres, sendo que ele achava que elas não deveriam passar de procriadoras, gerando para a guerra.

Na verdade, as mulheres têm medo da liberdade, porque isso traz riscos de responsabilidades e de atuação no mundo fora das portas de casa. Por esse motivo, são alvos fáceis de uma sociedade machista, a qual tenta moldar o ser humano de acordo com suas convicções, sem olhar no bem de todos, mas de uma minoria que se beneficia com essa situação, os homens brancos e ricos.

A mulher é, gradativamente, banalizada e marginalizada, vive cada vez mais sozinha, sente-se ansiosa. Nesse contexto, surgem as doenças e os problemas de insônia. Sem saber que para seus problemas acabarem, precisa antes de tudo acabar com o ciclo vicioso de escravidão, e, para isso ocorrer, deve buscar rumos novos, exercer outra função na sociedade, mudar seu papel e suas atitudes.

As mulheres precisam se libertar e libertar seus corpos de objeto de desejo sexual. Essa libertação deve haver quando elas não forem mais conduzidas a objeto de prazer e a fins lucrativos. Devemos mudar essa sociedade sexual, que usa disso para vender seus produtos e suas marcas. A mulher só deve ser tocada quando ela quiser e onde quiser. O corpo de cada uma deve ser motivo de orgulho, não importa como seja.

A libertação do feminino acontece por meio dos estudos e do trabalho. Com isso, a principal reivindicação que toda mulher deve ter é por intermédio da educação, passando a ser cada vez mais uma criatura participante da sociedade com seu trabalho e esforço. Somos capazes de lutar por uma sociedade melhor, sem essa forma de modelo estabelecido. Uma sociedade que tenha o sexo feminino como algo indispensável, afinal as mulheres são corajosas, são inteligentes e capazes de lutar por seu destino, por outra forma de vida. A autonomia, o estudo e trabalho duro podem ser o que quiserem.

#### **4 ROSINHA: O FEIJÃO E O SONHO**

Rosinha, em sua luta diária de cuidados com filhos, marido e casa, está sempre estressada e resmungando. Ela é o feijão, a razão, casada com Campos Lara (Juca), um sonhador que vive a sonhar com o mundo literário:

Todos os dias aquela miséria... Havia que pôr a casa em ordem, arrumar a sala de aula, preparar o café, lavar os pequenos, vesti-los, passar roupa. Maria Rosa fala que tem um “serviço de negra!”. Acordar o marido era o mais difícil para ela. “porque não deita mais cedo, seu tranca? Fica lendo feito um idiota até não sei que horas, ou dando prosa com esses vagabundos,[...]e depois pega no sono que nem Cristo acorda. (LESSA, 2012, p. 15).

Rosinha é racional, prática e com os pés no chão, ao passo que o professor Campos Lara, o marido, é sonhador, que vibra com suas produções literárias, com suas aulas e vive mais perto do mundo da lua. “Maria Rosa era o Bom-Senso. Campos Lara é o sonhador”. (LESSA, 2012, p. 50).

Juca é um idealizador que tenta vencer na vida, acreditando em seus sonhos de viver por meio da literatura. O sonho não se realiza, e o professor termina frustrado, até descobrir que seu filho, Joãozinho, tem a mesma vocação. Nesse momento, tudo faz sentido para Campos Lara, porque estava feliz com a possibilidade do filho se tornar poeta. Desejo realizado para Juca. Faltou feijão e o casamento passou a ter problemas. Ainda assim, Rosinha continuou acreditando que o feijão era mais importante e essencial para manutenção da vida, o ideal para ela era ter comida na mesa, andar bem vestida e não ter cobradores na porta.

O narrador apresenta uma Rosinha que era a razão, pé no chão que sua vida é em prol da família. Ela reclamava das coisas, nada para estava bom. Juca, por sua vez, era só fantasia, vivia voando. Dois seres de um só corpo, os quais se completavam.

A mulher vivia estressada, porque não tinha tempo para pensar em outra coisa senão na família e como sobreviver com aquela miséria. Buscando ser prática, sabia que devia lutar pelo que acreditava. Tudo termina bem, os filhos crescem, Rosinha e Juca envelhecem. Afinal, a vida continua, isso é algo inevitável, é a vida nua e crua.

*O Feijão e o Sonho* trata-se de um romance intimista que, sem deixar de ser social, mostra a atmosfera do Brasil e os confrontos ideológicos da época. O romance de 30, emblemático, é uma tendência marcante desse período. A obra se torna um clássico de nossa literatura, de grande destaque e de fácil leitura.

Um livro que marca a literatura brasileira, com sua narrativa o qual conta a história de nosso Brasil. Rosinha representa o lado duro da vida, o feijão. Juca, por outra vertente, é a utopia de nosso país, o sonho de uma literatura que representa muito, uma educação que ainda tem que ser melhorada e que faça sentido na vida de todos.

#### 4.1 Entre fada e bruxa

Rosinha é uma mulher muito prática, que administra o lar, de acordo com suas convicções. Ela sofre todas as consequências da ineficiência do marido em prover o sustento para a família. Por ser o lado prático, não se pode dar ao luxo de sonhar. O lado duro da vida, o feijão, mostra-se insensível e, às vezes, dura com marido e com os filhos. Uma mulher moderna, que luta pelo que acredita.

Ela com um substancial senso de realidade, vive reclamando com o marido “poesia não põe comida na mesa nem paga as contas”, que ele vá em busca de um “emprego decente”. Por causa disso, o casal vive em constantes conflitos, em uma grande miséria. Eles mal têm o que comer, muito menos o que vestir, devendo a Deus e ao mundo.

Maria Rosa, uma mulher real, colocada mais como bruxa do que fada. O extremo entre negativo e positivo. É a faixa que separa o ganhador de seu prêmio. Ela é a realidade, a praticidade, a vida como ela realmente é. Nesse sentido, ela é fada, quando se dedica aos cuidados do lar e da família, ainda tendo que driblar a falta de dinheiro, tendo assim que fazer milagres com o pouco que tem. De outro modo, é bruxa, quando azucrina a vida do marido e pedindo mais empenho, mais feijão.

Uma mulher forte e brava, a qual acorda cedo para os cuidados com os filhos, casa e marido, que luta muito para sobreviver em meio a uma sociedade totalmente ideológica. A relação entre o feminino e a natureza, a fada e a bruxa são seres que se complementam. Uma representa a beleza e o encanto à medida que a outra é a sabedoria e o conhecimento. Rosinha é uma mulher que mostra as duas faces. É algo que caracteriza sua personalidade, dedicação e sabedoria.

Uma mulher que caracteriza o social, a sociedade e os valores do ser humano. Voltada sempre para as necessidades da família, Rosinha sabe que atitude é que faz a pessoa, seu esforço e dedicação aprimoram ainda mais seu caráter.

Ela não se deixa levar, nem se dar por vencida em meio às batalhas da vida; torna-se cada vez mais forte e corajosa. Além disso, ela apresenta a magia de um ser tão determinada, que tem mais conhecimento do que o marido que é letrado, conhece a vida e seus tropeços. Ela sabe sair das situações mais conturbadas que apareçam em seu caminho.

Rosinha é a alma da vida, é a realidade. Ela é o caminho para uma vida melhor, uma vida de mais determinação, que cuida de sua família, de casa e ainda tem que se preocupar com a falta de recursos, a falta de dignidade. Via-se a maioria das vezes sozinha com a responsabilidade do lar.

O que a personagem quer é ser vista, é ser ajudada, que o marido seja capaz de ver as dificuldades que se encontra em seu lar, de ver o sofrimento de sua família, e a miséria a qual se instala em seu seio, sem ter nem mesmo o básico para viver.

Rosinha começa a implicar com o marido sobre a falta de interesse para a vida. Ela não conseguia ouvi-lo falar em livro, em poema. Para ela, era isso que tirava o marido do mundo real, da vida. Para Rosinha, uma criança muito estudiosa não dá em nada. “É melhor que o filho seja burro, mas que saiba ganhar dinheiro, que sirva para o trabalho e assim não passe vergonha com cobradores na porta”. (LESSA, 2012, p. 33).

O marido de Maria Rosa, José Bentes de Campos Lara ou professor Campos Lara, tinha adoração por um garoto, chamado Haroldo, esse menino é um de seus alunos com o qual ele tem mais afinidade, por ter mais talento e jeito com as letras. Para Juca, esse menino é um poeta de verdade. Rosinha olha para o garoto com pena e diz que este é “mais um para passar fome”.

A relação de Rosinha com Juca só piora pouco a pouco. É um verdadeiro desajuste, uma miséria sem fim, que aumenta gradativamente com a chegada dos filhos. Estes trouxeram muitas inspirações para Juca, novos versos, poemas, o que ele não conseguia perceber era que ele tinha mais obrigações, mais responsabilidade.

Rosinha chega a esmorecer e, por muitas vezes, imagina que não poderia suportar tamanho descuido por parte do marido. Suas dores e lamúrias vão como bala ao coração de Juca. Mesmo assim, ele não mudava, continuava o mesmo .

A dor que Rosinha sente é a mesma de todas as pessoas da sociedade, ou pelo menos das que se preocupam com um mundo melhor, um mundo onde as pessoas não precisem passar por tantas necessidades e ausência de direitos básicos, tais como, saúde, educação, segurança.

Em alguns momentos, Rosinha era uma fada, que transformava tudo ao seu redor em algo positivo, e feliz, quando namorava Juca e quando não exigia mais “feijão”. Com o passar do tempo, e vendo que tinha feito um péssimo negócio em ter se casado com Campos Lara, com a falta de comida em casa, transformou-se em uma bruxa, exigente, cada vez mais sábia. A fada a representa quando jovem, e a bruxa depois de algum tempo de casada.

#### **4.2 Rosinha e a realidade do “feijão”**

A mulher, na referida obra, representa o feijão pela praticidade e pela capacidade de adaptação a várias fases da vida. O feijão é a realidade dura que a mulher enfrenta na vida. Rosinha representa o feijão, por ser trabalhadora, determinada, por lutar por uma vida melhor.

O feijão é um alimento muito nutritivo, que contém vitaminas, fibras, carboidratos e nutrientes como cálcio e ferro. Os benefícios do feijão na alimentação são imensos. Sabendo que ainda existem lutas contra a falta de comida em pleno século XXI. Uma parcela da sociedade, ainda luta contra a desigualdade e falta de feijão.

A preparação desse prato é feita de diversas formas, a variedade de feijão que existe em todo o mundo é imensa. No Brasil, é feito cozido, na salada ou com alguns tipos de carne, a feijoada. De todas as formas, é muito gostoso. Ele é um alimento presente na mesa do brasileiro. fala que esqueceu de colocar o feijão no fogo, ela também pergunta para Juca o que ele “ganhou com as leituras e tanto livro, tanta bobagem? não dava nem para pagar o feijão”. (LESSA, 2012, p. 66).

A mulher é símbolo de força, de coragem e determinação. Rosinha representa a feminilidade contemporânea, moderna, que batalha todos os dias para conseguir sobreviver em meio a uma sociedade patriarcal, racista que acha que lugar de fêmea é em casa cuidando dos filhos e do marido.

Com uma atitude de hostilidade, Rosinha fala para Juca, que ele descrevia “tanto banquete, tantos palácios, tanto luxo, tantos tapetes orientais, que ela se esquece do feijãozinho sem carne”. (LESSA, 2012, p. 28).

E ainda zangada, pergunta ao marido, se ele pensa que “carne de açougueiro é como a ‘carne de Cleópatra’, que pode usar a vontade, quantos quilos queira?” (Lessa, 2012, p. 28). Ainda mais pede a Juca parar de ser fingido, que ele sabia das contas do açougueiro e

estourando fala para ele, “abrir os olhos, sair do mundo da lua, cair na realidade, no feijão duro”. (*idem*, 2012, p. 29).

Os valores da época são diferentes dos de hoje. O que importava era ter comida e palavra. Hoje as pessoas tem tudo, e assim mesmo nunca estão satisfeitas, querem sempre mais e com isso trabalham demasiadamente para manter seus luxos, seu *status* perante a sociedade.

Juca era um homem manso, que se encontrava preocupado com a saúde da filha Irene. Ele não tinha dinheiro nem para comprar o xarope dela, que estava tossindo muito. Mesmo assim, pagou quinhentos e cinquenta reais em uma estatueta de marfim, pela qual se arrependeu.

Maria Rosa, sem querer acreditar com tamanho disparate do marido, ao ter gastado tanto dinheiro com uma estatueta, estando com aluguel atrasado e fornecedores a cobrar. Para ela, o dinheiro deveria ser gasto apenas com as obrigações e necessidades da família. Outra coisa para ela seria um desperdício de dinheiro ou para quem fosse rico.

Maria Rosa, não era inimiga . Maria Rosa era o outro lado da vida. O lado em que não daria coisa nenhuma, em que ele sempre fracassaria, o duro. O difícil. O sem cadência nem rima. O do seu permanente naufrágio. O lado onde jamais deveria ter ingressado. Mas já era tarde. Não podia recuar. Tentava reagir. Procurava adaptar-se à situação, [...]. (LESSA, 2012, p.50).

Rosinha era a alma da família. Era ela quem fazia tudo:cuidava da casa dos filhos, ainda com outras obrigações de ter que se virar para ter comida todos os dias na mesa da família.

Juca reconhecia suas deficiências, não conseguia nem mesmo ter autoridade sobre seus alunos os quais mal podia ajudar. Maria Rosa, que estava com um bom humor, por ter conseguido comprar alguma coisa diferente para a janta,nem se importou com o horário que o marido havia chegado naquela noite. Ela até aconselha o marido para não sair sozinho, que as pessoas reparam e acham que é orgulho. Campos Lara gostou do conselho de sua esposa.

Por fim, vale pontuar que feijão é visto como algo essencial na vida do ser humano. Todos temos que correr atrás do pão de cada dia, como sendo um dever e não apenas um mero direito. Assim como Rosinha, o feijão representa a vida, o ideal para uma vida com mais saúde, o feijão é visto também como a dignidade.

A protagonista casa-se com Campos Lara, chamado pelos mais íntimos de Juca, e vive com a ausência dele com os deveres para com sua família, e o principal é o de colocar comida na mesa.

#### 4.2.1 Reações não românticas de Rosinha

Rosinha é uma mulher prática, realista, até mesmo dura, preocupada com o sustento da família. Juca é um poeta sonhador que vive do salário de professor, sem maiores ambições na vida a não ser a de viver de sua Literatura. Maria Rosa era o feijão, enquanto Juca era o sonho.

Rosinha está sempre cansada de sua rotina diária. Ela é incapaz de ver a beleza da vida, de ter outra visão, a não ser a de que o marido não ganha o suficiente para suprir as necessidades da família. Afinal ela não pode sonhar, pois é o cérebro da instituição. Se não fosse por ela, a família havia se acabado há muito tempo ou, talvez, nem existiria. Era ela quem enfrentava os desafios que apareciam no caminho.

Uma mulher que só vê o pior lado da vida, o das batalhas, do sofrimento, da miséria. Rosinha é incapaz de ver a beleza nas pequenas coisas, porque não tinha tempo. Falando baixo, praguejando, Rosinha diz, que “parece que caiu da cadeira”, quando ficou noiva desse “coisa à toa”! Para ter aquela vida, para passar vergonha. E ainda continua ameaçando o filho, que estava com copo de vidro, menino, ponha o copo na mesa! [...]” (LESSA, 2012, p. 15).

Um casal imaturo, o qual não consegue ver que o bom da vida está em saber dosar a realidade com os sonhos, em compartilhar as tarefas da vida um com o outro. Para, assim, ter um futuro mais digno e com menos problemas.

Orígenes Lessa traz, para Rosinha e Juca, os conflitos decorrentes de todo ser humano. O combate entre o que é ideal e o que é esperado em todas as pessoas. Por conta disso, ela a cada dia mais fica sem entender o marido, indagando-se por que tanta inteligência, tanto estudo, se o que o professor ganha não dá nem para sobreviver.

Somente podemos viver do que construímos no presente, para que o futuro seja o mais digno possível. É de suma importância que os sonhos estejam atrelados à sobrevivência. De que adianta estar com o nome nos jornais, ter boas críticas e não poder desfrutar do que se tem com a família. Rosinha, sempre tenta abrir os olhos dele para o feijão duro. Às vezes, estressa-se pelo marido não entender, que tem que pegar no pesado e ganhar dinheiro. A

circunstância é que faz a pessoa. Lara não se liga ao mundo da realidade, acha que vive de versos e de um nome bem respeitado.

Ela tem razão em cobrar do marido mais empenho, um ser incapaz de sustentar a família que vive suspirando versos e fantasiando a vida de acordo com suas convicções e desejos mais íntimos.

Essa obra nos dá um parâmetro do que é socialmente certo e do que é errado, perante a sociedade. Nesse sentido, o natural do ser humano e o correto a se fazer é cumprir com as responsabilidades da vida, para, assim, conseguirmos realizar nossos objetivos.

Uma narrativa a qual nos leva a perceber que a vida prática e as realizações caminham juntas, e que, para realização dos sonhos, deve haver trabalho duro, esforço físico e psicológico. O natural é saber encontrar o meio termo entre esses extremos. Esse é o segredo para viver melhor e mais feliz.

A mulher tem o dom de enxergar mais longe, de perceber o que a maioria dos homens não conseguem enxergar. É fato, há mulheres sonhadoras e homens realistas, e vice-versa. A discussão deste escrito, são as manifestações do feminino na personagem Rosinha, de *O Feijão e o Sonho* do escritor Origenes Lessa.

A mulher, neste trabalho, é vista sob o viés do Realismo. Rosinha ama o marido de uma forma plena, não fica cega por esse amor. O afeto é de forma consciente, que a faz enxergar seus defeitos e qualidades. Ela sofre com a maneira do marido encarar a vida. Isso nos mostra que temos que encarar a vida de frente, de forma racional. Esse amor de Rosinha e Juca, que vive por meio do sofrimento, é um romance voltado para o eu e para os problemas da população, o qual mostra a realidade da sobre o real e o romântico.

A personagem Rosinha é voltada para os problemas da população. A época do romance de 30, que mostra as relações da comunidade e do que é aceitável, e o que não é socialmente aceito. Dessa forma, a relação das pessoas com a família e com comunidade é de como esta se mostra perante as formas de relacionamento.

Para ser realista ou social, deve-se descartar as fantasias e o egocentrismo, pois um é oposto ao outro. Uma pessoa considerada “normal”, perante o contexto social, deve ser vista por intermédio do viés realista. O sonho é importante quando auxiliado às obrigações e responsabilidades. Dessa forma, o sonho se torna uma meta a ser seguida e não um vilão como na obra de Lessa.

A falta de senso é constantemente apontada por Rosinha ao marido Juca, um intelectual e amante das letras que sabe tudo sobre literatura e mostra-se um analfabeto da vida. A mulher é analisada e vista como batalhadora, forte, corajosa e capaz de correr atrás dos sonhos de forma plena e consciente, tornando-se um modelo a ser seguido pela maioria das pessoas como sendo o ideal para a vida humana.

A mulher mostra-se guerreira, independente e que corre atrás do que acha certo. Neste trabalho, a personagem Rosinha é vista sob o olhar feminino como sendo uma mulher admirável e verdadeira. Uma grande mulher e digna de todo louvor por parte da família e comunidade, é independente, que sabe o que quer e vai à luta.

#### 4.2.2 Entre o amor e a sobrevivência

Rosinha sempre tenta tirar o marido daquele estado “demente”, que ele se encontra. Juca, um romântico, que ama a literatura, os livros; um poeta apaixonado pelo que faz. Ele é incapaz de sustentar a família, porque o que ganha na escola mal dá para comprar as coisas para casa. Um homem, que não sabe pegar no pesado, como é comum entre os homens de sua época, e nesta ele não sabia ganhar dinheiro. Todos os trabalhos que ele fazia, para Juca era cansativo demais e sempre desistia.

Esta obra mostra claramente que eles se casaram por amor. Rosinha, em suas lembranças, recorda quando o amado chegou a Sorocaba, São Paulo, em uma tarde de dezembro. Era um poeta muito famoso, que tinha escrito até um livro. Não havia ninguém parecido com ele na terra. Era um rapaz alto, magro, loiro, com os olhos azuis. (LESSA, 2012, p. 70).

A prima Creuza fala a Rosinha que “vinha a talho de foice”. Dentro de si, ela havia gostado da ideia, afinal precisava de um noivo. Ficou interessada e vai em busca de mais informações sobre o moço.

As diferenças entre os dois são notáveis de início. Sendo contrário um ao outro, eles começam a se gostar, e o romance se desenrola. Campos Lara até fez um soneto cantante em homenagem a Maria Rosa, ao qual deu o nome de “Terra morena”. Com isso, todas as pessoas da cidade de Sorocaba, onde nascera, sabiam que ele estava se referindo a ela.

A relação de amor entre Rosinha e Juca é conflituosa, cheia de amargor e de falta de noção. Ela pode muito bem viver sozinha, não precisa do marido para enfrentar o mundo. Ele é um peso na vida de Rosinha, uma pedra no sapato que apenas coloca filho no mundo.

Estudar o feminino nesta obra é importante para mostrar a trajetória de uma mulher realista e prática, uma vez que a literatura reflete a vida, e, ao analisar a personagem *Rosinha*, sob o viés do romance realista, mostra a sociedade com suas reais necessidades e dificuldades para com uma alimentação mais adequada e digna para todos. Diante disso, compreende-se que a comida na mesa e os sonhos mais distantes são essenciais na vida do ser humano, uma vez que é se mantendo firme que se encontra forças para ir além dos seus limites.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *O Feijão e o Sonho*, de Origenes Lessa, é considerado um clássico da literatura brasileira, sendo adaptado até para novela. Nele, é narrada uma história de amor, tendo por base o modernismo e a questão ideológica em nossa sociedade.

Na obra, apresenta-se a mulher forte, pé no chão, que não se conforma apenas com o sustento da família. Os sonhos, as aspirações não têm lugar na vida dessa mulher. Para ela, o importante é roupa, é comida, é calçado.

Neste trabalho, houve uma análise da narração e da descrição dos personagens, principalmente da protagonista Rosinha, cujo comportamento e maneira, como é descrita pelo narrador foram observados com muita atenção para perceber que papel se atribui à mulher no texto.

Essa análise foi feita à luz da literatura já compulsada, buscando-se perceber os porquês das decisões narrativas expressas no texto ou implícitas nas entrelinhas.

A leitura da bibliografia antecipadamente pesquisada e escolhida de forma atenta, foi seguida de anotações e fichamentos. É de grande importância inteirar-se dos escritos que já existem a respeito do Feminino, para o conhecimento interiorizado para que se proceda a análise propriamente dita do texto literário em questão. Dessa forma, procurou-se demonstrar como é apresentada a protagonista Rosinha, na narrativa b de Orígenes Lessa.

A análise foi feita do romance *O Feijão e o Sonho* com atenção especial na personagem Maria Rosa (Rosinha). Houve uma valorização na escolha de uma obra e autor brasileiro, de grande repercussão, um clássico de nossa literatura.

As características da personagem feminina da obra de Lessa mostram a presença de características realistas no Modernismo. Essas características se dão de forma constante na personagem Rosinha e estão na forma como ela encara a vida de forma racional e sábia.

Uma mulher bastante admirável, que mostra o que quer. Luta para ter uma vida melhor e mais digna possível. Ela não se cala em meio às dificuldades do dia a dia.

Espero que tenha atingido a meta, em relação à busca ativa dos fatos que melhor se relacionam ao comportamento da personagem do livro. Que este trabalho ajude outras pessoas a terem a coragem de buscar temas como este em nossa literatura e, assim, valorizar nosso país de forma positiva em relação ao papel da mulher na sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.
- BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.
- CÂNDIDO, Antônio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.
- DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**. Recife: Editora Massangana, 2010.
- FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. São Paulo: Cortez Editora, 1989.
- FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Manual de Normalização para a elaboração de trabalhos acadêmico-científicos da Universidade Federal do Tocantins**. Palmas: Sisbid, 2017.
- KIRCHOF, Edgar Roberto. **Literatura brasileira**. 1.ed.- Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2016.
- LESSA, Orígenes. **O feijão e o sonho**. São Paulo: Editora Global, 2012.
- NUNES, Lygia Bojunga. **Tchau**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1990
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy. A cicatriz do andrógino. **Revista Tempo Brasileira**, Rio de Janeiro, 1990.
- PACHECO, João. **O Realismo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.
- SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.
- STUDART, Heloneida. **Mulher, objeto de cama e mesa**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes , 1974.